

26/04/2019 às 05h00

"Direita latino-americana é autoritária, corrupta, ditatorial", disse Paulo Guedes em 2003

Por Oscar Pilagallo | Para o Valor



O capitalismo tem a virtude de não ser nada conservador: além de detestar o patriarcado, o patrimonialismo, a aristocracia, o cartório, promove o "turnover" de suas elites. Coerentemente, o liberal que o defende é profundamente revolucionário, quase anárquico, sempre olhando para o futuro, nunca para o passado.

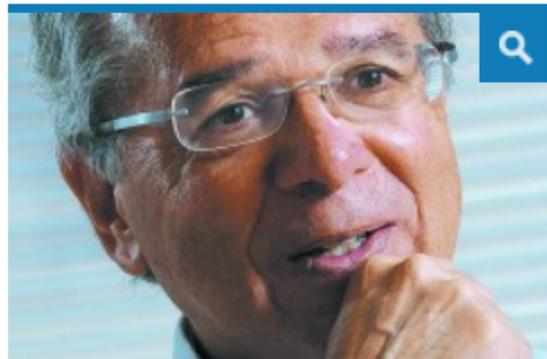
Essa é a perspectiva que alicerça a profissão de fé de um intelectual que, egresso da Universidade de Chicago, experimentou, ao voltar ao Brasil, "a solidão" diante da clivagem ideológica entre uma direita burra e uma esquerda selvagem que dominou o cenário político do país nas últimas décadas.

O depoimento, concedido no cronológica e politicamente distante ano de 2003, início do governo Lula, ganhou um valor circunstancial: o outsider de então é o atual poderoso ministro da Economia, Paulo Guedes.

O depoimento, concedido no cronológica e politicamente distante ano de 2003, início do governo Lula, ganhou um valor circunstancial: o outsider de então é o atual poderoso ministro da Economia, Paulo Guedes.

Seu texto é o ponto alto de "No Calor das Ideias", coletânea de artigos, entrevistas e depoimentos publicados na revista "Insight Inteligência". Para o diretor Luiz Cesar Faro, um dos organizadores do volume, trata-se de material praticamente inédito, dada a circulação restrita do veículo em suas mais de duas décadas de vida.

O depoimento, prestado a Faro e Coriolano Gatto, não vale apenas por expor o pensamento de um influente servidor público quando longe do poder e dos limites impostos pela etiqueta e conveniência inerentes ao cargo. Sua argumentação, concorde-se ou não com ela, tem valor intrínseco.



Guedes em 2003: "[Direita latino-americana] é autoritária, corrupta, ditatorial"

Guedes aborda o antagonismo irreconciliável entre o socialismo e a social-democracia, de um lado, e o capitalismo liberal, de outro. Vê a disputa por corações e mentes como o embate entre sociedades fechadas e abertas que, ao longo da história, desde a guerra entre a democrática Atenas e a militarizada Esparta na Grécia Antiga, vem descrevendo movimentos de sístole e diástole.

O então futuro ministro acusa a esquerda de não reconhecer a conquista civilizatória da moeda e do sistema de preço, algo que, talvez com o exagero decorrente da oralidade, coloca no mesmo patamar da linguagem. "Sempre foi uma ingenuidade da esquerda imaginar que pode reinventar um processo milenar, imanente ao desenvolvimento humano."

Para ele, o capitalismo como modelo de exploração do homem pelo homem é um aparente paradoxo. O capitalismo, recapitula, surgiu no momento em que o mundo era constituído basicamente por excluídos e acabou com a estagnação da Idade Média - e não por outro motivo foi alvo da admiração de Marx. "O fascínio de Marx pela máquina de acumulação capitalista é notório e impressionante", constata. E conclui desafiando a opinião mais popular: "A história do capitalismo é de inclusões".

Como o depoimento data da época em que Fernando Henrique Cardoso foi substituído por Lula, Paulo Guedes aponta suas armas contra a social-democracia que eles representavam - a de "punhos de renda" (dos tucanos) e a de "chão de fábrica" (dos petistas).

Em sua visão, a social-democracia é, na verdade, duas: antes e depois do poder. O problema, diz, é que se trata de um caminho do meio (entre o socialismo e o liberalismo) que fica no meio do caminho. Como agravante, alguns, como o próprio FHC, hesitam em assumir o liberalismo, criando assim uma "dissonância cognitiva" que embaralha a narrativa.

Algumas declarações teriam teor explosivo, se endossadas hoje, quando Guedes se tornou um dos fiadores de um presidente de direita. Sobre a direita latino-americana da época, ele disse: "Ela é autoritária, corrupta, ditatorial, oligárquica, patrimonialista, sem-vergonha, assaltante oficial de Estado. Nunca teve qualquer ideologia liberal-democrata [e] patrocinava golpes militares".



"No Calor das Ideias" reúne 27 intelectuais de diferentes cortes ideológicos: de Raymundo Faoro a João Paulo dos Reis Velloso, de Fábio Konder Comparato a Luiz Felipe d'Ávila. Alguns dos melhores textos são atemporais, como a entrevista em que Maria da Conceição Tavares, economista de esquerda, declara sua admiração por Octávio Bulhões, um ícone do

pensamento liberal.

Outros, no entanto, têm trechos datados. É o caso de Roberto Campos, que, em 1998, se queixava da "indisciplina hierárquica e decisória" do Judiciário devido à ausência da súmula vinculante, que viria a ser aprovada mais tarde. Mesmo a entrevista fictícia com John Maynard Keynes (1883-1946) rende abaixo do esperado por se perder em análises sobre a conjuntura de 2001, que pouco acrescentam ao leitor de hoje.

De qualquer maneira, o leitor que procurar encontrará pérolas na obra.

Oscar Pilagallo é jornalista e autor de "História da Imprensa Paulista"

www.nocalordasideias.com.br (versão digital gratuita)

"No Calor das Ideias - Breviário do Bem Pensar (Vol. 1)"

Coriolano Gatto e Luiz Cesar Faro (editores). Editora: Insight Comunicação (452 págs., gratuito) / **BBB**

AAA Excepcional / AA+ Alta qualidade / BBB Acima da média / BB+ Moderado / CCC Baixa qualidade / C Alto risco